

A FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Teacher training at the university: teaching, research and extension

**Formación de profesores en la universidad: docencia, investigación y
extensión**

Renata Machado de Assis*

Naiêssa Araújo Bonifácio**

RESUMO: Este artigo apresenta parte da fundamentação teórica de uma pesquisa desenvolvida Campus Jataí, Universidade Federal de Goiás, que investigou a produção científica dos alunos do curso de licenciatura em Educação Física. No recorte, aqui apresentado, enfocamos a Universidade como uma instituição de papel fundamental (embora não determinante) na formação dos acadêmicos, por lhes proporcionar um importante crescimento, não só profissional, mas também pessoal. Isto pode ser viabilizado por meio da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Não podemos negar a importância da produção do conhecimento na Universidade, e sua relevância na formação, especificamente no caso das licenciaturas, que visam contribuir na formação do professor que ingressará na carreira do magistério e terá que enfrentar diversidades e, diante disso, construir sua prática docente contextualizada, conforme a realidade encontrada.

Palavras-chave: universidade; formação do professor; produção do conhecimento.

ABSTRACT: This paper presents part of the theoretical basis of research carried Campus Jataí, Federal University of Goiás, which investigated the scientific students' degree course in Physical Education. In the cutting, shown here, we focus on the University as an institution role (though not decisive) in the training of students, by providing them with substantial growth not only professional but also personal. This can be made possible through the articulation between education, research and extension. We can not deny the importance of knowledge production at the university, and its relevance in training, specifically in the case of degree courses, which aim to contribute to the education of teachers who will join the teaching career and will have to deal with diversity and, before that, build your practice contextualized teaching, according to the situations encountered.

Keywords: university; teacher training; production of knowledge.

* Licenciada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás, Bacharel em Serviço Social pela Universidade Católica de Goiás, Especialista em Educação Física Escolar pela Associação Salgado de Oliveira, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da UFG. Docente do curso de Educação Física do Campus Jataí, Universidade Federal de Goiás. Contato: Tel (64) 9988-2059; E-mail: renatafef@hotmail.com.

** Professora de Educação Física, licenciada pelo curso de Educação Física do Campus Jataí, Universidade Federal de Goiás; Especialista em Educação Física Escolar, Universidade Federal de Uberlândia. Contato: naiessa@yahoo.com.br

RESUMEN: Este trabajo presenta parte de la base teórica de la investigación realizada en el Campus Jataí, Universidad Federal de Goiás, que investigó la producción científica de los estudiantes de la licenciatura en Educación Física. En el corte, se muestra a continuación, nos centramos en la Universidad como una institución de papel (aunque no decisivo) en la formación de los estudiantes, poniendo a su disposición un importante crecimiento no sólo profesional sino también personal. Esto puede ser posible gracias a la articulación entre educación, investigación y extensión. No podemos negar la importancia de la producción de conocimiento en la universidad, y su importancia en la formación, específicamente en el caso de los cursos de grado, cuyo objetivo es contribuir a la formación de los profesores que se unirán a la carrera docente y tendrá que enfrentar la diversidad y, construir antes de eso, su práctica enseñanza contextualizada, de acuerdo a las situaciones encontradas.

Palabras clave: universidad; la formación del profesorado; la producción del conocimiento.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a apresentar uma breve incursão teórica sobre a Universidade e seu papel na formação dos professores, e sobre a pesquisa¹ como uma possibilidade de ampliação dessa constituição docente. Enfocaremos, portanto: a Universidade, entendida como um local de formação de diversos profissionais, mas que tem um sentido mais amplo; a relação entre o ensino, a extensão e a pesquisa; e esta última como meio de produção do conhecimento.

A UNIVERSIDADE: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Ao abordar a formação de professores, independentemente do viés adotado, não podemos deixar de mencionar que um número considerável de autores discute esta temática: Lüdke (1996a, 1996b e 1996c), Pérez Gómez (1992), Sacristán (1995), Brzezinski (1996a, 1996b), Gatti (1997), Schön (1992), Guimarães (2004), dentre outros. Como instituição que interfere nesta formação, a Universidade é o nosso foco principal, neste artigo.

Segundo Guimarães (2004, p. 18), “[...] é urgente que as instituições que formam o professor se dêem conta da complexidade da formação e da atuação conseqüentes deste profissional”. Formação e atuação não se desvinculam, pois ambas fazem parte da constituição da profissionalidade

¹ Cabe esclarecer que não se trata, aqui, de supervalorizar a formação que ocorre na Universidade, nem a pesquisa em detrimento do ensino e da extensão, mas de fazer um recorte, para fins de aprofundamento. Inclusive porque entendemos que a formação do professor não ocorre somente neste espaço, ela acontece durante toda a sua vida, e sofre influências, como afirma Gori (2000), de sua história de vida, da formação universitária, da formação continuada e das experiências profissionais, dentre outras.

docente², que se constrói ao longo da vida de cada professor. E um tempo deste período de formação ocorre dentro da Universidade.

A Universidade está inserida em uma comunidade, e deve intervir na realidade, contribuindo na formação de profissionais de diversas áreas para atuarem no mundo do trabalho. Porém, esta não é a única finalidade da Universidade, entendemos que este é um processo muito mais amplo.

Segundo Vasconcelos (1996), a Universidade é um local em que se privilegia, antes de tudo, a transmissão do saber já consagrado, criadora de novos saberes, além de ser uma instituição investigadora, com estímulo à curiosidade, à ousadia e à iniciativa. Inserida em uma realidade histórica, política e social, a Universidade deve atuar e intervir neste contexto.

Por ser uma instituição educacional, a Universidade tem grande comprometimento pela busca do saber, do conhecimento. De acordo com Paiva e Taffarel (2001), este é o lugar privilegiado da produção e intervenção do saber sistematizado, do exercício da reflexão, do debate e da crítica, não se esquecendo de seu papel junto à sociedade. Seu objetivo deve ser a busca persistente do saber, e para realização deste, é preciso convergir sua estrutura, seus esforços, enfim, sua existência.

Baseados neste princípio, os cursos de graduação em nível superior devem contribuir na formação de seus alunos para o exercício da profissão em um determinado campo de atuação. Esta formação deve propiciar ao aluno, em sua prática profissional, uma visão crítica do meio em que está atuando. Além disso, quando tratamos de formação, compreendemos não só a formação para o futuro mundo do trabalho, mas também para a vida, para o crescimento como cidadão, capaz de intervir na realidade em que vive.

Neste sentido, é necessário construirmos uma Universidade que realmente desenvolva o papel que lhe é destinado, que vai muito além de formar profissionais de várias áreas, que conheçam e atuem na realidade em que está inserida. No entender de Menezes (2001), a Universidade não deve ser vista apenas como uma instituição de ensino superior, pois tem um sentido mais amplo. A formação superior está associada com a investigação científica, com o desenvolvimento cultural e científico, voltados para os problemas nacionais ou regionais.

Menezes (2001) questiona se o papel da Universidade está realmente sendo cumprido, ou apenas se instaura um modelo de repetição do conhecimento já existente. Todavia, se não há o compromisso de formar um profissional que dialogue com referenciais teóricos, e que acima de tudo questione, a Universidade limita-se à simples reprodução do conhecimento e

² Profissionalidade docente é “a afirmação do que é específico na ação docente, isto é, o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor” (SACRISTÁN, 1995, p. 65).

a conseqüência deste sistema é a formação de um profissional que não possui criticidade e que simplesmente segue modelos já definidos em sua prática.

A esse respeito, Coêlho (1996) afirma que a formação universitária inclui e ultrapassa a transmissão de informações e técnicas, a instrução e a simples profissionalização, pois se refere ao homem como um todo, capaz de compreender a natureza, a sociedade e o próprio homem. Mais do que profissionalizar, formar na universidade significa desenvolver no indivíduo a capacidade de entender e transformar a sua realidade.

Deve-se manter o compromisso de efetivamente existirem Universidades capazes de formar bons profissionais, críticos, reflexivos e que acima de tudo, consigam intervir junto à realidade em que se encontram. Durante a graduação, o futuro profissional tem a oportunidade de se qualificar e de ter contato com um leque de conhecimentos importantes para seu crescimento profissional e humano.

A Universidade constitui-se como local em que é oferecido o ensino superior. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de 1996, nos artigos 43 a 57, mostra que a educação superior tem por finalidade estimular a criação cultural e o desenvolvimento do pensamento científico e reflexivo; formar profissionais em diferentes áreas do conhecimento, aptos para inserirem no mercado de trabalho; incentivar a pesquisa e a iniciação científica, bem como o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e a difusão da cultura; suscitar o desejo de aperfeiçoar-se cultural e profissionalmente; propiciar o conhecimento, seja ele de nível global, nacional e regional, estabelecendo com a comunidade uma relação de reciprocidade; e promover a extensão, aberta à participação de todos (BRASIL, 2005). Em outras palavras, Libâneo, Oliveira e Toschi (2003) afirmam que a educação superior

[...] tem por finalidade formar profissionais nas diferentes áreas do saber, promovendo a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos e comunicando-os por meio do ensino. Objetiva-se estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, incentivando o trabalho de pesquisa e a investigação científica e promovendo a extensão (p. 259).

Percebe-se, portanto, o alcance da Universidade e seu papel na formação dos profissionais. De acordo com a LDB/1996, podemos conceitualizar a Universidade como uma instituição pluridisciplinar de formação profissional, que possui uma especificação própria. Caracteriza-se por produção intelectual por meio de estudos sistemáticos dos temas mais relevantes, tanto científicos quanto culturais e deve possuir pelo menos um terço do corpo docente com titulação de mestrado e doutorado, como

também, um terço do corpo docente em regime e tempo integral (BRASIL, 2005).

É necessário compreender a Universidade como uma instituição escolar que desenvolva um projeto articulado entre ensino, pesquisa e extensão. Estes três eixos norteadores devem coexistir de modo que, durante a graduação, o aluno tenha a possibilidade de vivenciar uma boa formação para o seu futuro profissional.

A Universidade é uma instituição educacional diferente da educação básica, por apresentar a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa e da extensão juntamente com o ensino. Desta forma, ao ingressar na Universidade, o aluno depara-se com uma nova realidade, em relação ao que ele já vivenciou anteriormente em sua vida escolar. Por isso, é preciso despertar no acadêmico o interesse de se qualificar da melhor forma e, como parte imprescindível de sua formação, o discente deve participar efetivamente deste sistema, no qual ele tem liberdade de aprender, pesquisar e participar de projetos voltados para a comunidade.

De acordo com Libâneo (1994), o *ensino* constitui-se o principal meio e fator da educação, mesmo que não seja o único e, por isso, destaca-se como campo principal da instrução e da educação. O ensino corresponde às ações, aos meios e às condições para a realização da instrução. O conceito de *pesquisa*, por sua vez, é amplo, e recebe várias conotações.

Na concepção de Demo (2005), a pesquisa deve ser vista como um processo social que perpassa toda a vida acadêmica, do professor e do aluno. Não se pode falar de Universidade sem pesquisa, se a compreendermos como descoberta e criação. Pesquisar, assim, é sempre produzir conhecimento do outro para si e de si para o outro. Pesquisar coincide com a vontade de viver, de mudar, de transformar, de recomeçar.

Dialogar com a realidade talvez seja a definição mais adequada de pesquisa, porque a compreende como princípio científico e educativo. Com relação à *extensão*, Silva (2001) relata que os programas de extensão universitária possibilitam ao aluno vivenciar o fazer, o criar e o construir. E esta vivência é concretizada com a participação dos discentes em projetos oferecidos pelo curso de formação em um processo de integração daquilo que ocorre fora da sala de aula e que possibilita o enriquecimento do processo de formação profissional. Por meio de projetos de extensão são expostas as dificuldades encontradas e a clara intenção de mostrar a validade deste contexto, possibilitando ao acadêmico ter contato direto com o meio no qual está inserido.

Aragão et al (1999) sintetizam estas três definições, esclarecendo que: o *ensino* é o ponto de partida para a apreensão do conhecimento; na *pesquisa*, o desconhecido é definido ou redefinido em termos sociais, partin-

do dos conhecimentos já existentes; e a *extensão* traduz-se pela importância do conhecimento apreendido e ampliado, aumentando seu alcance, menos assistencialista e mais caracterizada como intervenção no contexto social.

Durante o processo de formação profissional do aluno, ele deve encontrar na Universidade um programa que garanta a assimilação do conhecimento, sendo: por meio do ensino ministrado nas aulas; pela participação em projetos de extensão, que o deixem em contato direto com a comunidade; ou através da pesquisa científica, que proporciona o embasamento teórico da sua área de atuação.

A formação universitária deve ocorrer mediante uma proposta baseada em uma dimensão “tripartite” voltada para o desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão, como afirmam Aragão et al (1999). Esta formação só é considerada completa, quando o conhecimento é propiciado a partir destes três princípios. Vasconcelos (1996, p. 8) justifica que “ensino, pesquisa e extensão representam, com igualdade de importância, o tripé que dá sustentação a qualquer universidade que se pretenda manter como tal”.

Formar profissionais competentes para atuar em situações complexas, produzir conhecimento científico, elaborar materiais instrucionais para socializar conhecimentos, são desafios que nos propomos a encarar a partir do ensino-pesquisa-extensão, tendo como princípio articulador o trabalho pedagógico (CHAVES e GAMBOA, 2000, p. 164).

Entendemos que a Universidade, enquanto formadora de profissionais, precisa oferecer a possibilidade de o aluno adquirir o conhecimento para uma formação mais ampla, não apenas na sala de aula, por meio do ensino, como também participando de projetos extensionistas e de iniciação científica.

Fávero (1994) diz que a Universidade constitui-se como uma instituição que tem como finalidade criar o saber, comprometida com a divulgação e socialização do saber produzido, voltado para o avanço da ciência, da arte, e da cultura. Segundo esta autora, “essa maneira de compreender a Universidade implica também na estreita relação entre ensino, pesquisa e extensão nos mais variados campos do conhecimento” (p 54).

A articulação que deve existir entre ensino, pesquisa e extensão se justifica porque os três devem estar presentes na Universidade, colaborando e complementando o conhecimento. O conhecimento advindo da extensão deve ser problematizado e divulgado por meio de uma produção científica, o ensino deve se utilizar de pesquisas para não trabalhar apenas com conhecimentos já consagrados, enfim, estes três níveis possuem uma interdependência, na qual a Universidade se baseia para desenvolver uma boa proposta de formação profissional.

Chaves e Gamboa (2000) afirmam que o grande desafio da Universidade constitui em construir uma nova prática que promova a integração da Universidade com a sociedade, por meio da articulação entre os três eixos, que devem se apresentar com interação, co-participação, reciprocidade e mutualidade entre eles. Somente quando essa condição é efetivamente trabalhada, pode-se oferecer uma formação profissional, com produção do conhecimento científico e políticas para o setor.

Entretanto, quando se trata de formação de professores, verifica-se a relação fragilizada entre estes três grandes eixos na Universidade. Paralelamente, também, se critica o fato de que a pesquisa é escassa, nos cursos de licenciatura, o que descaracteriza a função político-social da Universidade e, por conseqüência, compromete a prática daqueles formados por essa instituição (VENTORIM, 2001).

Ao observamos esta fragilidade, percebemos que isto pode vir a comprometer, além da formação profissional dos acadêmicos, a própria relação da Universidade com a sociedade, pois não podemos nos esquecer que enquanto uma instituição inserida numa comunidade, a Universidade deve agir e contribuir de alguma forma. No entanto, de acordo com Aragão et al (1999), na maioria das Universidades a função tripartite está desarticulada e, por isso, a existência do ensino, da pesquisa e da extensão é comprometida.

Além desta preocupação, Vasconcelos (1996) relata que na maioria dos casos, cada Universidade dá ênfase maior ou menor a cada um destes três campos. Deste modo, não se atinge a real definição de Universidade, que deixa de lado a possibilidade de interligar esses três pólos e, assim, constitui-se como uma instituição de ensino incompleta. Segundo este autor, quase sempre o ensino recebe mais atenção nas Universidades e raras são as instituições que possuem um projeto pedagógico planejado e desenvolvido baseado na inter-relação entre ensino, pesquisa e extensão.

Quando os três eixos norteadores da Universidade não estão realmente articulados ou encontram-se desestruturados, prejudica-se a processo de formação profissional, pois o aluno é privado do contato com experiências como a pesquisa científica e a extensão durante o curso, que poderiam contribuir para o seu futuro profissional.

Segundo Ventorim (2001), apesar do desenvolvimento da tríade ensino-pesquisa-extensão depender de condições institucionais efetivas (qualificação docente, decisão política, financiamento, laboratórios, equipamentos, bibliotecas), é fundamental trabalhar a relação entre eles, como procedimento teórico-metodológico da formação do professor-pesquisador.

Ao constatarmos a desarticulação dos três níveis, devemos nos preocupar para que essa situação seja transformada. Diante disto, Fávero (1994) ressalta que devemos urgentemente dispor de novas e criativas possibilidades de articulação efetiva destes eixos na Universidade brasileira. No entender de Garcia (2000), deve-se desenvolver, no curso de formação de professores, um projeto que articule pesquisa, docência e extensão, de forma que a pesquisa e a extensão sejam incorporadas à docência, caracterizando-se assim, a atividade pesquisadora e extensionista comprometidas com o ensinar.

Assim, poderemos direcionar nossas ações para a existência de uma máxima qualidade acadêmica, com maior compromisso social, criando uma ciência revolucionária, que não se satisfaça em apenas compreender o mundo, mas que se comprometa com sua transformação.

PESQUISA: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE

A partir da concepção de Universidade, entendida como um espaço de formação em inter-relação com a sociedade, por meio de um projeto que concilia o ensino, a pesquisa e a extensão, pode-se afirmar que produzir e disseminar o conhecimento científico torna-se uma atividade que traduz toda a experiência vivenciada na Universidade, com o compromisso de transmitir o conhecimento para a sociedade.

A Universidade se constitui em um local de produção de conhecimento, e essa característica não deve ser negada. O conhecimento advindo do ensino e da extensão deve ser colocado sob o olhar de pesquisadores que, comprometidos com a busca do conhecimento, produzem ciência e desenvolvimento. Negar a pesquisa científica significa esquecer do papel da Universidade enquanto instituição inserida numa sociedade, que deve ser comprometida na busca do saber.

De acordo com Krug (1999), o que se constata na maioria das universidades é que ainda se instauram modelos de apenas ensinar e prestar serviços para a comunidade, sem uma reflexão teórica. Segundo esta autora, devemos prestar atenção para que saibamos agir de modo que essa formação se configure com base no conhecimento, e ocorra a produção de conhecimento científico na universidade.

A pesquisa não pode ser tratada e condicionada como um “subproduto” na universidade, no entender de Fávero (1994); é preciso repensar os programas e os cursos para que suas ações fundamentem-se em concepções teórico-sociais de produção científica.

[...] a pesquisa na formação de professores vem como uma possibilidade de rompimento com um ensino repetitivo,

tradicionalmente e meramente repassador de conhecimento. Como em “cadeia”, é possível entender que a formação do professor pela pesquisa pode indicar que a sua ação docente também, por aí se encaminhará. O professor pesquisador da sua própria prática deve formar alunos pesquisadores (VENTORIM, 2001, p. 99).

A produção científica atua como promotora de conhecimento, o aluno que realiza pesquisa desenvolve um olhar crítico e reflexivo. Utilizando a investigação, vinculada a uma proposta pedagógica, o professor faz com que o aluno descubra problemáticas na sua realidade, recursos metodológicos que atendam critérios científicos e acima de tudo que seja um profissional portador de questionamentos e reflexões sobre sua futura atuação profissional.

Segundo Calazans (1994), a prática da pesquisa durante a formação é uma prática pedagógica, na qual se busca contribuir para o progresso do conhecimento, estando presentes os fundamentos teórico-metodológicos que devem ser a base dessa ação.

A prática da pesquisa como promotora de conhecimento científico deve ser encarada como uma forma de propiciar ao aluno um conhecimento construído por ele mesmo. Ao contrário disto, esta prática ainda é pouco desenvolvida na graduação. Ao abordarmos a pesquisa na Universidade, recorreremos a Demo (2003), que enfatiza o termo mediocridade, no que diz respeito à vida acadêmica, por constituir-se como apenas ensinar a copiar, ou seja, não há produção de conhecimento próprio, é “a presença apenas peregrina ou artificial da pesquisa” (p.75).

Quando não há desenvolvimento da produção científica, o conhecimento proporcionado pela Universidade limita-se ao ensino. Desta forma, a pesquisa deixa de ser usada como estratégia pedagógica durante a graduação. Fávero (1994) afirma que a produção científica nem sempre é parte integrante nos cursos de graduação. Esta situação se contrapõe à finalidade primordial da universidade e de suas unidades, a produção e socialização do conhecimento, por intermédio do ensino e da extensão.

Segundo Lüdke (2001), é importante a formação para a pesquisa que deve ser oferecida na graduação e na pós-graduação, mas existem algumas falhas, como a ausência nos currículos mais antigos de disciplinas voltadas à metodologia de pesquisa e a falta de oportunidade ou dificuldade para os alunos participarem de programas de iniciação científica.

É necessário criar, dentro da graduação, oportunidades para que ocorra a produção do saber mediante a prática. Para isso, os currículos devem proporcionar aos alunos uma formação baseada no trabalho pedagógico e na produção do conhecimento, tendo o compromisso de se

estabelecer a teoria vinculada com a prática e que, deste modo, a prática configure-se em uma verdadeira práxis³ (KRUG, 1999).

A produção científica é parte indispensável no processo de formação de professores, constitui-se como uma forma de tornar o aluno um profissional crítico e reflexivo e, acima de tudo, que esteja apto para agir e transformar a sua realidade, quando necessário. Vasconcelos (1996) entende que a Universidade deve ser vista como: transmissora do saber já consagrado; questionadora deste mesmo saber; e ainda produtora de novos saberes. Neste sentido, Paiva e Taffarel (2001, p. 4) afirmam que “a Universidade é o lugar privilegiado da produção e intervenção do saber sistematizado, do exercício da reflexão, do debate e da crítica, bem como a expressão, para si e para o mundo, da sociedade que a institui”⁴.

Bagno (2001) também ressalta a pesquisa como um elemento de muita importância na Universidade. O professor universitário que apenas dedica-se a ministrar aulas, ou seja, ao ensino, não é visto com bons olhos, pois a Universidade não deve utilizar somente conhecimento já construído e comprovado, mas também criar um conhecimento novo, que só se consegue pesquisando.

Lüdke (1997) explicita a relevância dos futuros professores terem, em seu processo de formação, a oportunidade de desenvolver pesquisas, para que não sejam apenas repetidores de um saber já consagrado, mas participantes de um saber elaborado e reelaborado. No entender de Silva (2005), a formação deve possibilitar uma perspectiva de crítica e reflexão, que propicie aos professores os meios de alcançar um pensamento autônomo que prime pela auto-formação participativa.

A formação implica em investimento pessoal, com vistas à construção de uma identidade. Por isso, no entender deste autor, urge (re)encontrar espaços em que haja interação entre as dimensões pessoais e profissionais, de forma que os professores, ao apropriar-se dos seus processos de formação, possam lhes dar um sentido no quadro das suas histórias de vida

O incremento da atividade de pesquisa desde a formação inicial, mais precisamente no curso de graduação, favorecerá a formação de

³ “A práxis é ativa, é atividade que se produz historicamente, quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente – unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Como a realidade humano-social é criada pela práxis, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano” (KOSIK citado por PAIVA e TAFFAREL, 2001, p. 2).

⁴ Segundo as autoras citadas, é de grande importância propor estudos sobre a produção do conhecimento e formação profissional, para que se denuncie um fato já constatado, a dissociação entre teoria e prática.

professores que pesquisam e produzem conhecimento sobre sua prática profissional e que desenvolvem, portanto, uma prática reflexiva.

De acordo com André (2001), o movimento que valoriza a pesquisa na formação do professor data do final de 1980 e início de 1990. A autora cita como referência: Demo (1994), que defende a pesquisa como princípio científico e educativo; Lüdke (1993), que argumenta em favor da combinação de pesquisa e prática no trabalho e na formação de professores; André (1994), que discute o papel didático que pode ter a pesquisa na articulação entre saber e prática docente; e Giraldi, Fractini e Pereira (1998), que enfatizam a importância da pesquisa como instrumento de reflexão coletiva sobre sua prática.

Embora apresentem especificidades, essas proposições têm fundamentos comuns, pois valorizam a articulação entre a teoria e a prática na formação do professor, reconhecem a importância dos saberes da experiência, da reflexão crítica, e atribuem ao professor um papel ativo no próprio processo de desenvolvimento profissional. Estas concepções foram amplamente divulgadas no Brasil, ao fazerem parte dos conteúdos e da bibliografia dos cursos de formação inicial e continuada do professor, ao serem incluídas nos programas de concursos, e ao integrarem as diretrizes curriculares para formação de professores pelo Conselho Nacional de Educação. Tais propostas construíram um verdadeiro movimento, pois cresceram rapidamente e assumiram diversas configurações (ANDRÉ, 2001).

Segundo Santos (2001), a importância da pesquisa na formação e atuação do professor tem sido enfatizada pela necessidade de se formar um docente questionador, investigador, reflexivo e crítico, para que com essa formação, o professor problematize criticamente a realidade em que atua, adote uma postura ativa no cotidiano da escola, e se torne um profissional competitivo, que desenvolva um trabalho comprometido em sua atuação profissional.

Há várias formas de trabalhar a articulação entre ensino e pesquisa na formação do professor, no entender de André (2001). Uma delas é que a pesquisa se torne um eixo ou um núcleo do curso, ou seja, que ela integre o projeto de formação inicial. Esta perspectiva pode traduzir-se numa organização curricular com o objetivo de desenvolver habilidades e atitudes de investigação nos futuros professores.

De acordo com Santos (2001), ao tratarmos de formação de professores, é preciso analisar o currículo, que são os modelos que orientam os cursos de formação. A partir desta análise, podemos verificar diferentes concepções a respeito da atividade docente e identificar alguns pressupostos que configuram a organização dos cursos de formação profissional. É importante ressaltar que cada vez ganha mais espaço a proposta do

profissional reflexivo, sendo aquele que pensa-na-ação, interrogando-se sobre as alternativas possíveis para um determinado momento e que avalia os seus resultados. Nesta perspectiva, a atividade profissional alia-se à atividade de pesquisa e o professor passa a ser visto como um pesquisador-na-ação.

Enfim, a pesquisa faz parte da vida do professor, seja na sua formação, seja na sua prática profissional. Ela se torna imprescindível na resolução dos problemas cotidianos, que surgem no campo profissional. Mas para que ela possa ser utilizada como recurso na escola, o professor deve ter domínio de alguns conhecimentos que permitirão realizá-la em sua prática, de forma satisfatória. E então, voltamos ao início da discussão, que é a Universidade, como o berço do exercício da atividade de pesquisa, ou seja, onde o professor poderá se tornar também pesquisador.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Fundamentados nos autores citados, compreendemos ser de fundamental importância que o futuro docente, durante seu curso de formação, tenha contato com a pesquisa, assim como com o ensino e a extensão, para que isso possa contribuir em sua atuação. Por meio do que foi exposto, podemos afirmar que é imprescindível oferecer aos acadêmicos uma boa formação, para que possam agir criticamente na sociedade.

Tentando concluir o texto, mas conscientes de que o assunto, nem de longe, se esgota aqui, podemos sintetizar que, neste artigo, foi abordada a Universidade, enquanto instituição formadora de professores que ingressarão na carreira docente, e a articulação que deve existir entre os seus três eixos de sustentação (ensino, pesquisa e extensão), para a formação profissional que atenda às necessidades da prática docente. Ressaltamos, também, a produção do conhecimento na universidade, ou seja, a relevância da pesquisa na formação dos professores.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Pesquisa, Formação e Prática Docente. In: ANDRÉ, M. (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001. p. 55 – 69.

ARAGÃO, M. G. S. et al. Projeto político pedagógico para o curso de Educação Física: caminhos percorridos. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis - SC, 1999.

BAGNO, M. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei (9394/96)*. Apresentação de Carlos Roberto Jamil Cury. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

BRZEZINSKI, I. Licenciaturas – qualidade, interdisciplinaridade e verticalidade do saber na formação inicial e continuada de professores. In.: BRZEZINSKI, I; (Org.). *Formação de professores: um desafio*. Goiânia: UCG, 1996a. p. 63-78.

BRZEZINSKI, I. *Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento*. Campinas: Papirus, 1996b.

CALAZANS, M. J. C. A iniciação científica: um aprendizado do trabalho científico da realidade social. In: MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Conhecimento educacional e formação do professor: questões atuais*. São Paulo: Papirus, 1994. p. 61 - 70.

CHAVES, M.; GAMBOA, S. S. *Prática de ensino: formação profissional e emancipação*. Maceió: EDVFAL, 2000.

COÊLHO, I. M. Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JÚNIOR, C. A. da (Orgs.). *Formação do educador: dever do estado, tarefa da universidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 17 - 43.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2003.

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2005.

FÁVERO, M. de L. de A. Produção e apropriação do conhecimento da universidade. In: MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Conhecimento educacional e formação do professor: questões atuais*. São Paulo: Papirus, 1994. p. 53 - 70.

GARCIA, R. L. O papel social da universidade e sua repercussão na formação de professores. *Revista Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*. Niterói: PP & A, nº 2 , setembro, 2000. p. 67 - 79.

GATTI, B. A. *Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação*. Campinas: Autores Associados, 1997.

GORI, R. M. de A. *A inserção do professor iniciante de Educação Física na escola*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

GUIMARÃES, V. S. *Formação de professores: saberes, identidade e profissão*. Campinas: Papirus, 2004.

KRUG, D. F. A formação de profissionais em Educação Física. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Florianópolis, setembro, 1999.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Atlas, 2003.

LÜDKE, M. *A pesquisa na formação do professor*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

LÜDKE, M. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1997. p. 111 - 120.

LÜDKE, M. Formação inicial e construção da identidade profissional de professores do primeiro grau. In: *Anais VIII ENDIPE*, Florianópolis: INEP, 1996a. V. II, p. 311-322.

LÜDKE, M. Os professores e sua socialização profissional. In: REALI, A. M. de M. R.; MIZUKAMI, M. da G. N. (Orgs.). *Formação de professores: tendências atuais*. São Carlos: EDUFSCar, 1996b, p. 25-46.

LÜDKE, M. Sobre a socialização profissional de professores. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.99, p. 05-15, 1996c.

MENEZES, L. C. de. Políticas de formação de professores: a universidade em questão. In: LISITA, V. M. S. S. (Org.). *Formação de professores: políticas, concepções e perspectivas*. Goiânia: Alternativa, 2001. p. 35 - 41.

PAIVA, A. C. de; TAFFAREL, C. N. Z. Profissionais da educação física e esportes: formação e prática – uma análise da produção acadêmica de 1996 a 2001. In: *Anais do XII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Caxambu, outubro, 2001. CD-ROM.

PÉREZ GÓMEZ, Á. I. La función y formación del profesor/a en la enseñanza para la comprensión. Diferentes perspectivas. In: GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Comprender y transformar la enseñanza*. Madrid: Morata, 1992. p. 398-427.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In.: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995, p. 61-92.

SANTOS, L. L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: ANDRÉ, Marli (Org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001. p. 11 – 26.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In.: NÓVOA, António (Org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, M. S. da. Formação profissional em Educação Física: profissionalidade e saberes. *FIEP Bulletin*. Foz do Iguaçu, v.75, edição especial, p. 22 – 25, 2005. Disponível em : <http://www.boletimef.org/? canal=12&file = 1224>. Acesso em: 04/08/2006.

SILVA, V. R. *Projetos de extensão e formação profissional na licenciatura em Educação Física*. Jataí-GO: CAJ/UFG, 2001. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Curso de Educação Física, Campus Jataí, Universidade Federal de Goiás, 2001.

VASCONCELOS, M. L. M. C. *A formação do professor de 3º Grau*. São Paulo: Pioneira, 1996.

VENTORIM, S. A formação do professor e a relação ensino e pesquisa no estágio supervisionado em Educação Física. In: CAPARRÓZ, F. E. (Org.). *Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória: Proteoria, 2001. p. 93 - 114.